



Vol. 3 nº 6 jul./dez. 2008

p. 259-264

HISTÓRIA DA LOUCURA: A TRAJETÓRIA DO LOUCO E O ROMPIMENTO COM A EPISTEMOLOGIA

Tiago Eloy Zaidan¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Na obra *História da Loucura na Idade Clássica*, o pensador francês Michel Foucault aponta a trajetória do conflito razão versus “desrazão”, revelando, por meio de crítica à loucura, o quão relacionado esteve o tratamento dispensado à loucura ao contexto político-econômico-social de cada momento histórico: renascimento, era clássica e modernidade. O autor nega que a psiquiatria atual seja resultado direto de uma suposta evolução no campo do conhecimento médico-científico, sendo, antes, fruto de rupturas entre eras que praticamente não dialogaram. O autor também rompe com os procedimentos histórico-científicos da epistemologia e tece as bases para a sua posterior *arqueologia do saber* ou *estudo arqueológico*.

Palavras-chave: História da loucura; Michel Foucault; Arqueologia do saber.

HISTORY OF MADNESS: THE TRAJECTORY OF CRAZY AND BREAK WITH THE EPISTEMOLOGY

Abstract: In the work *History of madness in the classical age*, the French thinker Michel Foucault shows the trajectory of the conflict reason versus lack of reason, revealing, through criticism of madness, how he relates, the treatment meted out to madness, the political-economic-social context of each historical moment: renaissance, classical era and modern era. The author denies that psychiatry today is a direct result of a purported developments in the field of medical and scientific knowledge, is rather the result of disruptions between eras that almost no dialogue. The author also breaks with the procedures of historical and scientific epistemology and presents the foundations for their subsequent archeology of knowledge, or archaeological study.

Keywords: History of madness; Michel Foucault; Archeology of knowledge.

1. Introdução

A trajetória dos loucos ao longo da história da humanidade é, no mínimo, surreal. Na era clássica foram enclausurados e renegados em grandes prisões ao lado de devassos, de prostitutas, de blasfemadores, de feiticeiros e de libertinos. Na era moderna foram isolados e individualizados, em respeito aos demais prisioneiros. Assim, não foi fácil ser louco nos últimos 500 anos. O desconhecimento da patologia mental justificou séculos de insensibilidade e de abusos contra os “desajuizados”.

A psiquiatria, como a conhecemos hoje, só começou a desenvolver-se, de fato, a partir da segunda metade do século XVIII, após rupturas, e sempre acompanhando o contexto socioeconômico de sua época. Pode-se dizer que a doença mental, tal qual conceituada pela epistemologia, possui pouco mais de 200 anos, embora sempre tenha havido loucos. Antes da patologização da enfermidade mental, o tratamento dispensado aos loucos nada tinha a ver com medicina, sendo antes terreno para a polícia e para especulações no campo da percepção.

No famoso livro *História da Loucura*, o pensador francês Michel Foucault (1926 – 1984) discorre sobre a trajetória da loucura, que atualmente é encampada pela medicina através da psiquiatria. O próprio filósofo, diplomado em psicologia, trabalhou em um hospital psiquiátrico durante os anos 1950 (LECHTE, 2003, p. 129).

Em sua obra, Foucault mostra que o surgimento da psiquiatria é apenas o produto de uma das rupturas que a loucura protagonizou.

2. Ruptura com a Epistemologia

Embora seja, de fato, uma ótima fonte para conhecer a trajetória – não necessariamente linear – que a loucura percorreu até ser considerada uma patologia, *História da Loucura* não se propõe a ser uma cronologia comentada da história da psiquiatria. Na realidade, o autor nega que a psiquiatria atual seja resultado direto de uma suposta evolução no campo do conhecimento médico-científico ao longo do renascimento e da era clássica. Ao contrário. Foucault mostra como, entre o médico psiquiatra moderno e o intimidador físico e moral de outrora, praticamente não há diálogo. O que temos hoje é fruto de rupturas, interpostas entre os três períodos citados pelo filósofo: Renascimento, Era Clássica e Modernidade. Cada um dos períodos teve o seu conjunto próprio de experiências com relação à loucura (e mesmo no interior de cada período houve heterogeneidades).

Permeando as rupturas, instigadas inclusive por práticas econômicas e sociais, há, contudo, uma linha contínua que as perpassa: o processo orientado em busca da sobreposição da razão a elementos que, como a loucura, podem ameaçar a sua hegemonia. E tal processo inicia-se, segundo *História da Loucura*, no renascimento. Trata-se de uma espécie de dominação que acaba por não permitir a manifestação da loucura pela própria loucura. É nesse processo da subordinação da loucura pela razão – a que Foucault vai se ater aqui – que o louco, antes um mero andarilho, vai ser aprisionado,

excluído e considerado uma ameaça na sofrível lida pela sua integração na ordem da razão. Para desenvolver sua tese, Michel Foucault estuda com afinco os espaços institucionais destinados ao isolamento. Dois níveis de análise distintos foram convocados pelo filósofo para percorrer sua tese; são eles: conhecimento (que diz respeito ao saber científico ou pseudocientífico – aquele com pretensão de cientificidade) e percepção (que se refere à relação com o louco por meio de instrumentos não subordinados à cientificidade ou a conhecimentos pretensamente científicos. São exemplificados basicamente pelas instituições aos quais se destinam os loucos).

Como é possível observar, *História da Loucura* oferece uma crítica à loucura, mas não é só isso. A metodologia adotada por Foucault rompe, corajosamente, com os procedimentos histórico-científicos da epistemologia. Enquanto esta julga o passado de uma ciência constituída com base em suas “verdades terminais” do presente, mesmo que esse passado julgado, e seu discurso, ainda não possuam cientificidade, o método proposto pelo filósofo franco tece as bases para a sua posterior *arqueologia do saber* ou *estudo arqueológico*. Foucault evita julgar as deformações passadas com base nas “verdades terminais” da psiquiatria atual, com vistas a possibilitar o conhecimento do passado enquanto passado. A patologização da loucura pela psiquiatria, por exemplo, é recente, não sendo admitida em discursos antigos sobre a insanidade. É aqui que *História da Loucura* diverge dos demais tratados historiográficos da psiquiatria, e os ataca.

E não para aí. Seguindo a mesma linha de raciocínio, a arqueologia presente aqui critica o suposto continuísmo linear que – por meio de sucessivas transformações – teria transladado a psiquiatria da percepção social ao conhecimento científico da loucura (embora o autor reconhecesse o conflito loucura x razão, com a vitória desta, perpassando todos os períodos e rupturas analisadas na obra). Com tudo isso, Foucault deixa claro que, pelo menos na análise da história da psiquiatria, os termos epistemológicos não são os mais adequados.

Foram, certamente, esses aspectos inovadores que alçaram *História da Loucura* ao respeitável patamar de obra basilar no estudo da história das ciências, embora isso não ocorra propriamente uma vez que Foucault sequer aceite se confinar no limite formal da disciplina que aparentemente ele pretende estudar. Além dos discursos com pretensões científicas, o autor se vale de fontes filosóficas, teológicas e literárias, dentre outros, para embasar sua pesquisa (MACHADO, 2006, p. 75).

3. A loucura na Era Clássica

Como já fora dito, a pesquisa encetada em *História da Loucura* abrange três períodos, a começar pelo renascimento. Aqui os loucos não eram reclusos. Ao contrário, eram andarilhos que, não raro, se viam expulsos de algumas cidades. Nessa época não há homogeneidade com relação à loucura. Prova de tal dicotomia pode ser obtida por meio de representações plásticas de então. Enquanto artistas como Dürer e Bosch expõem a loucura como algo positivo (essência, saber), outros como Brant e Erasmo a representam como algo negativo (ignorância, desrespeito ao saber). A visão negativa acabou tornando-se hegemônica, influenciando, inclusive, a cultura ocidental.

É, contudo, na era clássica que a loucura terá o seu aspecto negativo radicalizado, principalmente com Descartes. “Se alguém pensa não pode ser louco”, e vice-versa. Vitimado pela exclusão despudorada, o louco é adjetivado como tal, mas não pela medicina.

É aqui que entram os níveis de análise propostos por Foucault: *conhecimento* e *percepção*. Cabia à percepção social a atribuição do estatuto de louco a um indivíduo. E isso era, geralmente, feito pela polícia, pela justiça, pela família ou pela igreja, dentre outros. Embora relativamente vagos, os critérios utilizados para tal estavam relacionados com a fuga das ordens da razão e da moralidade. A partir daqui, acentua-se o conflito loucura x razão, sempre tendo esta última em vantagem, como num monólogo em que a razão fala por si e pelo louco.

Longe de ser encarado como doente, resta ao louco o exílio no sinistro *Grande enclausuramento*, instituição de reclusão que exclui e “protege” a sociedade de toda uma gama de desvairados que, especialmente, não obedecem às regras vigentes. Aqui estão, além dos infelizes loucos (que pouco podiam fazer para se defender), os praticantes da sodomia, da prostituição, da devassidão, da blasfêmia, da feitiçaria e da magia, da alquimia e da libertinagem, dentre outros “desajuizados”. O marco dessa fase é datado de 1656, ocasião em que, em Paris, o Estado cria o Hospital Geral. A Igreja também contribui com os seus estabelecimentos.

Considerado um instrumento de poder político, que homogeneiza os “mal-vindos”, essas instituições, na prática, pouco ou nada possuíam de hospital – no sentido de espaço terapêutico, como já havia na época. Médico, aqui, somente esporadicamente, com o intuito de controlar a tifo e, por conseguinte, preservar a cidade de uma possível epidemia. Terapia hospitalar, de verdade, somente para alguns loucos cuja percepção de “desrazão” ainda era acompanhada por alguma esperança curativa. Para estes se aplicava o tratamento habitual da época, regado por purgações, banhos e sangrias.

Na época clássica, o que era percebido no louco não era a doença, e sim a “desrazão” (a ausência de razão). Razão pouco clara, diga-se de passagem; apenas fluante na vida social de então. Numa época em que a razão estava majestosamente em voga, à “desrazão” era oferecida apenas a exclusão, acompanhada do silêncio. Sem razão, não se é.

Entre a medicina da época – que ensaiava uma definição de loucura como doença, mas que em nada se assemelhava à psiquiatria e aos seus métodos – e a percepção social não havia comunicação. A característica basilar da medicina clássica é a sede por classificações e hierarquias. Assim, eram apontadas, à taxonomia, as classes, as ordens, os gêneros e as espécies dos elementos investigados. E todo esse conhecimento gravitava em torno dos sintomas, que deveriam ser manifestos, visíveis, aptos a, por meio da aparência, ser classificados.

Embora não dialogassem e fossem, sem dúvida, distintos, a percepção e o conhecimento possuíam um ponto em comum. Fosse o louco visto como o *outro*, portador da “desrazão”, ou como portador de uma patologia, a razão estava presente, subordinando a loucura com o seu poder referencial.

4. A Era Moderna e o surgimento da psiquiatria

Com a segunda metade do século XVIII e a era moderna – terceiro período do estudo foucaultiano em *História da Loucura* –, importantes ocorrências são observadas. No campo político-econômico-social, o capitalismo emerge depositando na população certa importância. Afinal, as pessoas, agora, eram potencial mão de obra para produzir riquezas para o capitalista. A demanda por operários contribui para a revisão do *Grande Enclausuramento*, onde uma grande massa de miseráveis – normalmente acusados de vagabundos e ociosos durante o mercantilismo – passam a ser vistos como possíveis forças produtivas. Por isso, tal categoria de pobres (*pobres válidos*) deveria ser posta em liberdade, ainda que assistida.

Os loucos, todavia, não estavam inclusos nessa categoria, restando a eles o título de *pobres doentes*. Somado a isso, são feitas críticas à mistura entre presos e loucos, agora percebidos como heterogêneos. A indignação da crítica reside no fato de que os presos sejam confundidos e forçados a dividir o mesmo espaço que “um bando de loucos”. Não demora que o louco ganhe um lugar só para si (ou seria: “não demora para que apenas os loucos continuem merecendo o enclausuramento?”). O campo da medicina também contribui com a transformação do *Grande enclausuramento* em um espaço de individualização do louco.

Aspectos médicos como o de Buffon e suas “forças penetrantes” (a sociedade, a religião e a civilização, cada um ao seu modo, agindo como elementos afastadores do homem com relação à natureza, tornando possível a loucura), da “medicalização da loucura”, que contou com a colaboração de Doublet, Colombier, Tenen e Cabanis (que aponta a reclusão como possuidora de dotes curativos) e, finalmente, os de Tuke e Pinel, constroem a “era do patológico”. Com a era moderna, surge a ruptura que finalmente vai propiciar o surgimento da psiquiatria.

Eis algumas das estratégias de Pinel e Tuke, adotadas em ambiente asilar: a religião sintetizada a um conteúdo básico, o medo, incutindo os sentimentos de culpa e de responsabilidade, a concentração e a rotina do trabalho e o contínuo julgamento do interno.

5. Considerações Finais

Roberto Machado, notório especialista na obra foucaultiana, deixa claro, em seu *Foucault, a Ciência e o Saber*, que o surgimento da psiquiatria – como consequência de uma ruptura – não deve ser visto como um gesto libertador. Com a patologização da loucura, a psiquiatria “pretende realizar, de modo mais perfeito, pelo sistema da recuperação, aquilo que no final do século XVIII o sistema clássico de exclusão se mostrou incapaz de realizar: o controle social do louco”, tudo isso com base na tese de que “na

loucura subsiste um núcleo de razão, de natureza, de verdade, que é alienado mas não destruído” (MACHADO, 2006, p. 81).

Com a observação da loucura e do louco, o homem, sobretudo na esteira da revolução francesa (que delegou poderes aos cidadãos, inclusive para julgar a loucura), passou a observar nos indivíduos aspectos de “psicologia” (parafraseando Foucault), que incluem seu comportamento, motivações e consciência. Tal “psicologização”, aliado à instituição do júri popular, possibilitaram, para o autor, o surgimento da psicologia como ciência. Da mesma forma, a loucura incitou reflexões antropológicas pioneiras, de grande valia para as ciências humanas.

6. Referências

FOUCAUT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999 (Estudos Filosofia; v. 61).

LECHTE, John. **Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais**: do estruturalismo à pós-modernidade. Tradução: Fábio Fernandes. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

7. Nota

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do Grupo de Pesquisa COMULTI – UFAL/ COS/ CNPq. E-mail: eloyzaidan@gmail.com.

Recebido em 12/06/2008.

Aprovado para publicação em 10/10/2008.